

A ORGANIZAÇÃO PSÍQUICA E A EXPERIÊNCIA DE PRIVAÇÃO PRECOCE: UMA REVISÃO A PARTIR DE FREUD E WINNICOTT

Luciana Balestrin Redivo Drehmer¹

RESUMO

O interesse do presente trabalho é discutir o conceito da privação psíquica à luz de conceitos psicanalíticos. Para tanto foram utilizados textos da obra de Freud e Winnicott atinentes aos temas da privação, trauma e desamparo, visto que as vivências de desamparo e privação parecem influenciar nas trajetórias e escolhas de vida dos indivíduos. Essa inquietação, vivenciada através da prática psicanalítica clínica e ampliada, traz à tona a importância do desenvolvimento das relações iniciais do bebê, que são marcadas por frustrações e gratificações das suas necessidades. Neste sentido, é possível também pensar que a criança, a qual tenha sido foco de investimento libidinal por parte de algum cuidador, poderá desenvolver, a partir da fantasia, meios para cuidar de si, podendo fazer escolhas saudáveis. A situação de desamparo é experienciada por todo o ser humano em maior ou menor grau, tamanha é a dependência que a criança tem em relação aos seus pais. Os desejos e as necessidades nunca serão totalmente satisfeitos e, provavelmente, isso faça com que o aparelho psíquico se desenvolva na busca de medidas para dar conta dessas privações.

Palavras-chave: privação, constituição psíquica, psicanálise.

PSYCHICAL ORGANIZATION AND EARLY DEPRIVATION EXPERIENCE: A REVIEW FROM FREUD AND WINNICOTT

ABSTRACT

The purpose of the present work is to discuss the concept of psychic deprivation in light of psychoanalytical concepts. Texts from the works of Freud and Winnicott about deprivation, trauma and helplessness were used to this end. The experiences of helplessness and deprivation seem to influence ways and life choices of the individual. This inquietude, experienced through the psychoanalytic clinical and extended clinical practices, brings to light the importance of the development of children's initial relations, marked by frustration and fulfillment of their needs. In this sense, it could be thought that the child who was focus of libidinal investment from a caretaker could develop, through fantasy, the means to take care of themselves, being capable of making healthy choices. Helplessness is experienced by every human being to a greater or lesser extent, so great it is the dependence of the child in relation to their parents. Desires and needs will never be fully satisfied and this will probably cause the psychic apparatus to develop to search means for handling these deprivations.

Keywords: deprivation, psychic constitution, psychoanalysis.

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia (PUCRS), Professora da Faculdade de Psicologia PUCRS, Psicanalista em formação pelo CEP de Porto Alegre, RS.

Introdução

O interesse do presente trabalho é discutir o conceito de privação à luz da psicanálise. Por essa via, a temática será tomada de acordo com seus aspectos reais (realidade externa) e/ou fantasiados (realidade psíquica). A privação, representada pela vivência de desamparo, tem sido estudada a partir de interseções com outros fenômenos da clínica psicanalítica, sendo, prioritariamente na literatura contemporânea, relacionada com a delinquência, ato traumático e quadros psicopatológicos graves, visto que retratam também um fenômeno da cultura.

A prática psicanalítica clínica e ampliada traz à tona a importância das relações iniciais da mãe-bebê e o consequente desenvolvimento do sujeito psíquico. Estas relações são marcadas por frustrações e gratificações, sendo que estas últimas são obtidas através da ação específica.

É importante lembrar que este trabalho, apesar de ter como foco as relações iniciais da mãe-bebê na constituição psíquica, entende que o desenvolvimento emocional vai além dessa relação, pois exige a entrada de um terceiro, a qual possibilita a inscrição da imago paterna no psiquismo infantil. A questão do desamparo parece não estar vinculada somente à sensação da criança de falha e de dificuldade em não conseguir um investimento em si mesma que garanta sua existência, mas o impedimento do encontro com o adulto cuidador que ajude na constituição do seu psiquismo.

A separação da mãe e do bebê e as frustrações decorrentes desta são, na maioria das vezes, fundamentais porque estruturam o desenvolvimento psíquico infantil, assim, deixando marcas para a vida toda. Todavia, considera-se que a dor psíquica gerada pela privação intensa, fantasiada ou real, do objeto pode ser um fator desencadeador do trauma, o qual é marcado por uma carga excessiva que invade e inunda o psiquismo. Questiona-se, portanto, qual é o efeito das privações psíquicas sofridas pela criança, sejam elas reais ou imaginárias? O olhar deste estudo está voltado, por conseguinte, para uma falta intensa vivenciada pela criança em relação à sua mãe/ambiente/cuidador.

Nessa perspectiva, propõe-se uma revisão dos trabalhos de S. Freud e D. Winnicott para promover uma discussão sobre as repercussões psíquicas das privações iniciais e seus reflexos no desenvolvimento emocional dos indivíduos.

Freud e o desenvolvimento psíquico

Desde os seus primeiros escritos, Freud tem auxiliado no desenvolvimento da compreensão da condição humana. Sabe-se que o mesmo formulou o desenvolvimento do psiquismo humano através de dois tipos diferentes de pulsões opostas que, primeiramente, foram tidos como as de conservação e as sexuais. Na segunda teoria, em 1920, os pares de opostos pulsão de vida e pulsão de morte tomaram espaço. Pode-se considerar que as “pulsões de vida mobilizam muito mais nossa percepção interna - pois elas se apresentam como perturbadoras da tranquilidade, trazendo contínuas tensões, cujo alívio é sentido como prazer - enquanto as pulsões de morte parecem realizar seu trabalho de uma maneira bem mais discreta” (Freud, 1920/1996, p. 181). A possibilidade de cada um desses pares de opostos de se fundir e desfundir vão representar a manifestação de pulsão em suas possibilidades de ligação (Eros) e destruição (pulsão de morte).

É necessário, portanto, que se possa entender como o aparelho psíquico freudiano foi concebido. Do ponto de vista econômico e dinâmico, entende-se que ele é regido por duas formas de funcionamento: a quantitativa, que trata das quantidades de

excitação endógenas que precisam ser descarregadas pelo aparelho; e a qualitativa, determinada pelas características sensíveis tanto do objeto quanto do sujeito.

Tratando deste tema no trabalho “Além do princípio do prazer”, Freud (1920) enfatizou que o aparelho psíquico tende a manter a quantidade de excitação em nível baixo, e tudo o que ameaçar aumentá-lo vai ser experimentado como desprazer. No decorrer do desenvolvimento psíquico, “as pulsões de autoconservação do Eu acabam por conseguir que o princípio do prazer seja substituído pelo princípio da realidade” (Freud, 1920/1996, p. 136) e este se torna responsável não por abdicar do prazer, e sim por postergá-lo, dessa maneira, demonstrando tolerar provisoriamente o desprazer.

E, a partir dessa relação prazer-desprazer, o aparelho psíquico vai se formando. As zonas erógenas - classe de excitação especificamente sexual - fazem parte deste processo, visto que podem ser vivenciadas em cada uma das fases, faltas ou excessos que deixarão marcas no psiquismo. Para Freud (1905/1996), neste funcionamento, a criança está organizando seu mundo de sentidos e prazeres, conhecendo seu próprio corpo, a relação com o que circunda o seu próprio funcionamento psíquico.

Através da zona erógena oral, o bebê terá a sua primeira experiência de satisfação. Esta, de acordo com Laplanche e Pontalis (2001), pode ser representada pelas intervenções externas adequadas e o conjunto das reações pré-formadas do organismo que permitem a realização do ato, sendo chamadas de Ações Específicas.

No texto “Projeto para uma Psicologia Científica” (Freud, 1895/1950), fica evidenciado que os estímulos endógenos só podem ser detidos através de ações específicas e que o organismo humano é incapaz de promovê-las para si mesmo. A ação específica pode ser realizada através da aproximação do seio da mãe. A vivência de ser alimentado causa uma diminuição da pressão quantitativa endógena (tensão) e inaugura no bebê o espaço do desejo. Da mesma forma que a experiência de dor e de fome representa a hostilidade, para o bebê, pode ser o início do contorno do seu próprio eu e o alheio, assim, dando forma para sujeito e objeto, diferenciando interno e externo e o que é agradável e o que não é.

A dependência inicial que a criança desenvolve em relação à sua mãe possibilita o investimento libidinal caracterizado como narcisismo primário. Roudinesco e Plon (1998) assinalam que Freud destacou que, nesta fase, a admiração parental, pelos filhos, pode ser descrita como “Sua majestade o bebê”. Sendo assim, a criança pode identificar-se com qualquer enlace emocional que realize na sua incipiente vida intersubjetiva. A imago materna passa, aos poucos, a instalar-se no seu psiquismo, na qualidade de ideal do ego. O desenvolvimento infantil, que não impediu a ampliação das potencialidades, segue para o narcisismo secundário - quando a libido, retirada dos investimentos objetais, neste caso a mãe, direciona-se ao próprio ego (Laplanche & Pontalis, 2001).

Nesse movimento, pode-se entender que o bebê, através das pulsões autoconservativas, precisa do peito ausente para satisfazer as suas necessidades de sobrevivência. Ao mesmo tempo, as pulsões sexuais não precisarão do apoio externo, mantendo a gratificação autoerótica por meio do corpo e da fantasia, assim, podendo-se “chamar de narcísica a libido que se aloja no eu” (Freud, 1920/1996, p. 173). O bebê, inicialmente, precisa organizar-se nesta complexa situação entre a necessidade e o desejo. Por conseguinte, a criança passa a experimentar atitudes prazerosas em outras zonas erógenas, o que vai constituindo o seu desenvolvimento psicosssexual.

Durante o Complexo de Édipo, por volta dos três a cinco anos, a criança desenvolve um superego que tornará essas vivências relatadas até agora como ausentes da memória em função do recalçamento. Esse processo não impossibilita que o indivíduo, em seu desenvolvimento futuro, possa regredir a essas fases através de

sintomas, sonhos, fantasias, repetições transferenciais, além de situações na vida cotidiana. Portanto, para Freud, o Complexo de Édipo tem papel fundamental na estruturação da personalidade e na condução do desejo humano. Para entender como a privação também pode estar relacionada à estruturação do psiquismo, na continuidade deste estudo, coloca-se a revisão que segue.

A privação psíquica precoce em Freud

Após breve análise quanto aos elementos necessários para o desenvolvimento psíquico em Freud, surge a questão prioritária deste trabalho, que trata dos possíveis efeitos das privações na infância. Seria, em alguma medida, uma forma de estruturação por meio da falta ou seria essa a etiologia das neuroses?

Freud, nos três ensaios da teoria da sexualidade (1905), apontou que o importante são os efeitos posteriores produzidos por experiências infantis, graças ao aparelho sexual somático e psíquico ocorrido no entretempo. Este processo poderia, da mesma forma, ser entendido como uma ressignificação, que parece ser um conceito psicanalítico fundamental. Isso demonstra que mesmo acontecimentos posteriores da vida do indivíduo podem produzir outros significados a fatos anteriormente experimentados, dessa maneira, dando novo sentido a experiências antigas as quais são possibilitadas através de novas configurações do material psíquico.

Depois de abandonar a teoria do Trauma, Freud, por meio dos seus trabalhos, mostrou-se muito interessado em entender a etiologia das neuroses. Embora a questão traumática seja encontrada em toda a obra freudiana, alguns textos são aqui retomados. No texto “Sobre a psicoterapia” de 1905, a palavra privação aparece, mas somente em relação às circunstâncias externas. A possibilidade de pensar a neurose como fator de um obstáculo interno à satisfação veio mais tarde, no artigo “Sobre os efeitos da moralidade civilizada”, de 1908. No trabalho “Tipos de desencadeamento da neurose”, Freud passou a usar a palavra frustração para tratar de obstáculos internos e externos, tornando-se uma ferramenta bastante usada na sua clínica.

Nos escritos freudianos, a ideia de privação também foi trabalhada através da discussão do caso do “Pequeno Hans” (1909/1996). Neste contexto, Freud, em relação ao desenvolvimento do menino, comentou que este “em primeiro lugar, foi obrigado a submeter-se a certo grau de privação para começar uma separação temporária de sua mãe, e, mais tarde, uma diminuição permanente na soma de cuidado e atenção que ele tinha recebido dela...” (Freud, 1909/1996, p.97).

Ainda em relação à etiologia da neurose, Freud, na Conferência XXII (1917/1996), ressaltou que nem todas as pessoas que passaram por frustrações vão desenvolver neuroses e que existem muitas maneiras de suportar a privação da satisfação libidinal sem adoecer. Algumas pessoas passam por privações, sofrem e não adoecem. Freud (1917/1996, p. 348) atribui esse fenômeno ao caráter plástico dos impulsos sexuais, pois “no caso de a realidade frustrar a satisfação de um destes impulsos, a satisfação de outro pode proporcionar compensação completa”. Sendo assim, as pulsões parciais da sexualidade possuem capacidade de mudar de objeto, tomando um que seja mais facilmente acessível.

Por sua vez, Freud, no mesmo texto, revela que existe um limite, uma capacidade de libido não satisfeita que pode ser suportada, visto que essa mobilidade da libido não se mantém absolutamente preservada em todas as pessoas e que a sublimação só pode dar conta de certa quantidade de libido. Essa teoria levou Freud (1917) a questionar se as neuroses seriam doenças endógenas ou exógenas, então, concluindo que não podem existir de forma isolada, sendo representadas por uma série etiológica:

“constituição sexual e experiência, ou se preferirem, fixação da libido e frustração” (Freud, 1917, p. 350). Ainda foi ressaltada, nesta Conferência, que a fixação da libido não precisa desencadear especificamente a neurose, mas também pode estar relacionada aos quadros mais graves, como os perversos. De qualquer modo, lembra

“para uma frustração externa tornar-se patogênica é preciso acrescentar-lhe uma frustração interna. (...) A frustração externa remove uma possibilidade de satisfação e a frustração interna procura excluir uma outra possibilidade; e em torno disso irrompe, então, o conflito” (Freud, 1917, p.353).

Em 1926, Freud descreveu outro tipo de sintomatologia - a ansiedade decorrente do desamparo. Explica que, frente a um perigo, surge um fenômeno automático como sinal de salvação no indivíduo - a ansiedade -, que é um produto do desamparo mental e biológico vivido pela criança. Sendo assim, considera-se que a experiência de desamparo é vivida pelo ego como um acúmulo de excitação que pode ter sua origem interna ou externa, mas com ambas o ego não consegue lidar (Freud, 1926).

Neste percurso, muitos aspectos se mostram subjacentes ao funcionamento psíquico, tendo reflexo maior em algumas patologias de acordo com a capacidade de tolerar a frustração, representada pelo desejo interno não satisfeito. Entende-se, desta forma, que a privação é algo inerente ao desenvolvimento humano e da própria cultura.

Winnicott e o desenvolvimento psíquico

As concepções winnicottianas estão focalizadas na teoria do amadurecimento pessoal normal, pela qual acredita que todo o ser humano tem uma tendência inata para o amadurecimento. Esse desenvolvimento tem ênfase nos estágios iniciais quando se estabelecem as bases da personalidade e da saúde psíquica. Sendo assim, Winnicott (1993) entende que, nesses momentos iniciais, a relação da mãe e seu bebê tem grande importância, pois a criança precisa ter suas necessidades primitivas sanadas, marca que vai prolongar-se para a vida toda de uma maneira diferente. A possibilidade de ter condições ambientais saudáveis garante a formação da identidade e o início dos relacionamentos interpessoais.

Para Dias (2003), Winnicott foi além dos conceitos da psicanálise tradicional, pois trabalhou com a ideia de que a construção do psiquismo tem sua fase inicial de não-integração do eu que emerge de uma situação de solidão essencial. Abdicou da teoria das pulsões para entender que a cisão está presente, através da natureza humana, nas tendências de se abrir para o contato com o outro e o mundo e o isolamento primordial do ser humano.

A obra de Winnicott foi bastante marcada pela influência do meio ambiente no desenvolvimento psíquico do ser humano. O dicionário de palavras e expressões utilizadas por Winnicott (Abram, 1996) refere que a literatura psicanalítica já havia, por diversas vezes, trabalhado a questão da relação da mãe com o bebê, mas só, em 1942, quando Winnicott disse “o bebê não existe”, que marcou a grande descoberta de que o indivíduo deveria ser entendido não como uma unidade, mas como uma estrutura ambiente-indivíduo.

A partir desta teoria, acredita-se que todo ser humano possui uma tendência inata de se desenvolver e se unificar. Existem, assim, três processos que iniciam muito cedo na criança: a integração, a personalização e a realização. Pode-se entender, portanto, que “o estágio não-integrado primário fornece uma base para a desintegração e que o atraso ou o fracasso da integração primária predispõe à desintegração como uma

regressão, ou como resultado do fracasso de outros tipos de defesas” (Winnicott, 1945/1993, p. 275).

A possibilidade de integrar é permitida por duas experiências, o cuidado com a criança, banho, manipulação e nomeação e, também, pelas experiências pulsionais que tendem a tornar a personalidade unificada a partir do interior. Além da integração, a possibilidade do bebê de sentir que está dentro do seu próprio corpo é muito importante e pode ser considerada a personalização satisfatória. O fenômeno descrito como estando relacionado a essa fase é o amigo imaginário, que poderia servir como uma defesa, sendo um recurso primitivo e mágico para se desviar das ansiedades ligadas à incorporação (Winnicott, 1945/1993).

A saúde psíquica está ligada, conforme, Winnicott, aos processos de maturação. Para o desenvolvimento livre desses processos o ambiente, inicialmente representado pela mãe ou seu substituto, torna-se muito importante. Winnicott (1956/1993) comenta que a mãe desenvolve uma condição psicológica chamada de “Preocupação Materna Primária”, fase que exige desta uma condição saudável para que ela, somente neste momento, possa ficar num estado retraído ou dissociado, o que, se ocorresse em outras situações da vida, poderia ser considerado um quadro psicopatológico.

Durante os primeiros seis meses de vida, a criança passa pelo estado de dependência absoluta em relação ao meio. Depois, aproximadamente dos seis meses aos dois anos, a criança passa para um estado de dependência relativa (Arcangioli, 1995). Pode-se considerar que o bebê tem seu psiquismo formado com o auxílio do ambiente, mas que apresenta uma constituição, tendências inatas do desenvolvimento, motilidade e sensibilidade e que as pulsões fazem parte da tendência ao desenvolvimento. Portanto a base do fortalecimento do ego se dá através de um suficiente “continuar a ser”, que não pode ser interrompido por reações de invasão. Depois que esses dois estágios de dependência foram transpostos satisfatoriamente, o bebê passa para um estágio que vai se prolongar ao longo da sua vida, que é o de rumo à independência. O bebê, nesta fase, é capaz de se identificar com a mãe e, ao mesmo tempo, consegue se ver separado dela (Abram, 1996).

Winnicott (1956/1993) escreveu que a construção inicial do ego é silenciosa e que a adaptação à realidade deve ser feita pela mãe. Esta precisa ter tolerância e compreensão para produzir uma situação que pode resultar no primeiro laço afetivo feito pelo bebê a um objeto externo (Winnicott, 1945/1993).

Isto pode ser entendido a partir do processo nutricional da mãe para o bebê. Winnicott (2006/1964) descreveu que, quando a mãe e o bebê conseguem acertar a combinação em relação à alimentação, a relação humana passa a se desenvolver e o bebê segue sendo apto para relacionar-se com objetos e com o mundo. A mãe, além de ter que dar conta das necessidades corporais, necessita auxiliar o desenvolvimento psíquico do bebê através de três funções: a apresentação do objeto, o *holding* e o *handling*.

Havendo essas três funções na relação mãe-bebê, pode-se entender o conceito de mãe suficientemente boa de Winnicott. Ou seja, trata-se de uma mãe que permite que o bebê possa desenvolver uma vida física e psíquica através de suas tendências inatas. Contudo, existe o conceito de mãe insuficientemente boa, que pode auxiliar no entendimento do tema do presente trabalho. Este conceito se refere a uma mãe que não tem a capacidade de se identificar com as necessidades do filho, dessa forma, não conseguindo abrir mão das suas próprias, gerando desconfiança no bebê em relação a ela. Winnicott (1945/1993) escreve que qualquer falha de objetividade que possa acontecer, no bebê, vai ser considerada uma quebra no desenvolvimento emocional primitivo.

Winnicott também investiu seus estudos a entender o indivíduo saudável. Para ele, para a pessoa ter saúde nos relacionamentos sociais vai precisar, primeiramente, ter a sua saúde individual preservada. A tendência para amadurecer é, em parte, herdada. Isso mostra que o ambiente satisfatório é aquele que favorece o desenvolvimento saudável porque facilita as várias tendências individuais. Neste ambiente facilitador, a adaptação diminui à medida que o bebê pode tolerar, com mais facilidade, as frustrações por não ter suas necessidades atendidas (Winnicott, 1967/2005).

A privação psíquica precoce na obra de Winnicott

O desamparo, a privação psíquica e o trauma precisam ser entendidos na obra de Winnicott conforme o desenvolvimento do *self* individual em relação ao seu ambiente. É importante ressaltar que, para Winnicott, a privação é entendida através do processo pelo qual a criança perde algo (cuidados) que já teve em algum momento da sua vida. Conforme a fase de desenvolvimento em que se encontra a criança, o ambiente assume papel mais ou menos importante de acordo com sua capacidade de independência e autonomia. Portanto, a falta de apoio de um outro humano, para o bebê que se encontra desamparado, pode ser considerada traumática.

A mãe que não consegue estabelecer o *holding* com o bebê o deixa em uma situação de desamparo, que é representada por um estado de não-integração (Winnicott, 1945). As falhas relacionadas à *mãe insuficientemente boa*, ainda na fase de dependência absoluta, provocam carências de satisfação das necessidades e geram dificuldades de integração no tempo e no espaço, no encontro com objetos externos e na unificação entre a vida psíquica e o corpo.

As falhas na relação da mãe com seu bebê também podem acontecer na segunda fase do desenvolvimento, que é a de dependência relativa. Nesta fase, o bebê já pode conseguir fazer uma separação, reconhecendo a realidade externa. A mãe retoma as suas atividades e vai introduzindo falhas de desadaptação moderadas frente à criança que ainda precisa dela. A mãe, neste momento, passa a ser percebida como duas mães. A primeira que zelou por ela e satisfaz as suas necessidades; e a segunda que é percebida nos momentos de excitação, nos quais a agressividade também está implicada. Nesta fase, a criança já consegue perceber-se como dependente da mãe para garantir seu bem-estar. Sendo assim, precisará integrar as duas figuras da mãe, mas para que isso seja feito é necessária a ajuda de uma mãe suficientemente boa (Winnicott, 1945/1993).

É importante também comentar que, segundo Winnicott (1971), a sensação de desamparo é vivida ao longo de toda vida, mas que pode ser elaborada através do espaço existente entre a realidade e a construção própria de um sentido para essa realidade. Os conceitos de *objeto transicional* e *experiência de ilusão* permitem entender que, frente a uma situação de privação, o bebê pode lidar com a difícil realidade através da sua capacidade criativa. Ou seja, mesmo após um trauma constituído na relação bebê-ambiente, o bebê, que ainda tinha o ego fragilizado, poderá se recuperar dessas falhas ambientais.

A psicanálise e o tema da privação

A discussão de como a psicanálise, através de dois teóricos, pode sustentar o trabalho em situações de privações precoces, na clínica e em situações fora do *setting* analítico tradicional, parece muito rica e ampla. Isso evidencia que as respostas não

poderão ser tomadas como definitivas às perguntas que estamos fazendo junto à psicanálise, durante muitos anos.

Sendo assim, em cada situação, deve-se questionar em que medida a privação impediu a malha representacional de se constituir. O sintoma em psicanálise pode estar ligado ao representacional, e, desta forma, entendemos que a criança internaliza a imago materna, e não a mãe real, o que pode ser uma via de acesso ao desenvolvimento saudável no adulto. Nesse sentido, é possível também inferir que a criança que foi foco de investimento libidinal por parte de algum cuidador poderá desenvolver, através da fantasia, meios para cuidar de si mesma, assim, podendo fazer escolhas saudáveis.

A situação de desamparo é experienciada por todo o ser humano, em maior ou menor grau, tamanha é a dependência que a criança tem em relação aos seus pais. Os desejos e as necessidades nunca serão totalmente satisfeitos e, possivelmente, seja justamente isso que faça o aparelho psíquico se desenvolver na busca de medidas para dar conta dessa falta.

Dockhorn, Macedo e Werlang (2007, p.38) acreditam que “aquilo que foi antecipado pela mãe ao Eu da criança por meio de enunciados identificatórios deverá sofrer, posteriormente um intenso trabalho de historização do Eu, ou seja, a violência primária deverá ser limitada no tempo”. As autoras acreditam que para o Eu funcionar de forma autônoma deve existir um trabalho de historização, em que haja direito de pensar o que o outro não pensa.

Para finalizar, ressalta-se que as falhas são importantes no desenvolvimento do psiquismo, pois são elas que darão origem ao simbólico. Quando estas falhas são excessivas àquilo que o psiquismo pode tolerar, acredita-se que estamos, então, tratando do fenômeno da privação, pois ultrapassa a capacidade de simbolização, tornado-se, portanto, traumática. A condição de desamparo é uma situação existencial do homem que, com o amadurecimento, vai obtendo recursos psíquicos, cada vez mais elaborados, para existir frente a esta permanente condição (Outeiral & Godoy, 2003). Entende-se, desta forma, que a privação, e o conseqüente desamparo, é algo inerente ao desenvolvimento humano e da própria cultura.

Referências

- Abram, J. (1996). *A linguagem de Winnicott: Dicionário de expressões Utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Arcangioli, A.M. (1995). Introdução à obra de Winnicott. In: Nasio, J. D. *Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Dias, E.O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dockhorn, C.N.B.F., Macedo, M.K & Werlang, B.G. (2007). Desamparo e dor psíquica na escuta da psicanálise. *Barbarói*, 27, 25-42.
- Freud, S. (1920/1996). Além do Princípio do Prazer. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (v.II). Rio de Janeiro: Imago.

- _____. (1917/1996). Conferência XXII: Algumas idéias sobre o desenvolvimento e regressão-etologia. In: *Obras completas*. (v. XVI) Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1926/1996). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Obras completas*. (v. XX) Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1927/1996). O futuro de uma ilusão. In: *Obras completas*. (v. XXI). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. ([1895]/1950/1996). Projeto para uma Psicologia Científica. In: *Obras completas*. (v. I). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas*. (v. VII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1909/1996). Pequeno Hans. In: *Obras completas*. (v. X). Rio de Janeiro: Imago.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Outeiral, J. & Godoy, L. (2003). *Desamparo e trauma: transferência e contratransferência*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Winnicott, D.W. (1945/1993). Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: F. Alves.
- _____. (1964/2006). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1956/1993). Preocupação materna primária. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: F. Alves
- _____. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- _____. (1967) O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil. In: *Winnicott. O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, RJ.

Endereço para correspondência:

Luciana Balestrin Redivo Drehmer

Av. Ipiranga, 6681, prédio 11, 8º andar, Secretaria da Faculdade de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

E-mail: luciana.redivo@pucrs.br

Recebido em: 27/09/2011

Aceito para publicação em: 23/10/2011